



Pela busca do “Bicho-fera” em “O búfalo”, de Clarice Lispector, e as contribuições críticas de Evando Nascimento

For the search of “Beast-beast” in “O búfalo”, by Clarice Lispector, and the critical contributions of Evando Nascimento

Fabrizio Lemos da Costa*
Sílvio Augusto de Oliveira Holanda**
Universidade Federal do Pará

Recebido em: 14/06/2020

Aceito para publicação em: 30/05/2020

* Mestrando em Letras pela Universidade Federal do Pará.

Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0033871728934155>>.

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0001-5578-8315>>.

E-mail: fabrizio.lemos1987@yahoo.com.br

** Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela USP. Professor Associado da Faculdade de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade Federal do Pará.

Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0928175455054278>>

ORCID: <<https://orcid.org/0000-0003-3971-9007>>.

E-mail: eellip@hotmail.com

Resumo

Sumário

O presente artigo tem como objetivo refletir sobre a vocação ou chamado ao selvagem no conto “O búfalo”, do livro *Laços de Família* (2009), de Clarice Lispector (1920-1977). Para isto, recorreremos aos estudos críticos de Evando Nascimento (1999, 2004, 2012, e 2013), nos quais evidenciaremos a sua abordagem, cujas interseções se colocam no convite ao pensamento pelo estranhamento e pela pulsão animal. Desse modo, revisitaremos os argumentos de Nascimento, principalmente em seu livro *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (2012), destacando-os como contribuição interpretativa fundamental para inserirmos a ficção clariceana em novas e atuais leituras. Assim, problematizaremos o apelo animal como questão que se desenvolve na recusa ao domesticado em oposição à vontade do encontro com o “bicho-fera”, representado pelo “búfalo”, em um processo de devir, na maneira como pensaram Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980). Ao lado desses últimos, destacaremos também as reflexões de Jacques Derrida (2002), intelectual importante para dialogarmos com uma literatura que, ao inserir o selvagem, particulariza a sua capacidade pensante.

Palavras-chave: Clarice Lispector. “O búfalo”. Selvagem. Evando Nascimento. Pensamento.

Abstract

This article aims to reflect on the vocation or call to the savage in the short story “O Búfalo”, from the book *Laços de Família* (2009), by Clarice Lispector (1920-1977). For this, we will resort to critical studies by Evando Nascimento (1999, 2004, 2012, and 2013), in which we will highlight his approach, whose intersections are placed in the invitation to thought by strangeness and animal drive. In this way, we will revisit Nascimento’s arguments, mainly in his book *Clarice Lispector: uma leitura pensante* (2012), highlighting them as a fundamental interpretative contribution to insert Claricean fiction in new and current readings. Thus, we will problematize the animal appeal as an issue that develops in the refusal of the domesticated as opposed to the will to encounter the “beast-beast”, represented by the buffalo, in a process of becoming, in the way Gilles Deleuze and Félix Guattari thought (1980). Along with the latters, we will also highlight the reflections of Jacques Derrida (2002), an important intellectual to dialogue with a literature that, when inserting the savage, particularizes his thinking ability.

Keywords: Clarice Lispector, “O Búfalo”, Savage, Evando Nascimento, Thought.

Nada agora diferenciava o sono de Martim do lento jardim sem lua: quando um homem dormia tão no fundo passava a não ser mais do que aquela arvore de pé ou o pulo do sapo no escuro.

(Clarice Lispector, *A maçã no escuro*).

De pé, em sono profundo. Os olhos pequenos e vermelhos a olhavam. Os olhos do búfalo.

(Clarice Lispector, “O búfalo”).

O lugar de “O búfalo” na ficção de Clarice Lispector

As epígrafes acima apresentadas funcionam, neste estudo, como estímulo inicial para uma abordagem que se coloca na interpretação da ficção de Clarice Lispector pelo viés do selvagem. Pela aproximação dos excertos, o primeiro, do romance *A maçã no escuro*, publicado pela primeira vez em 1961, pela Editora Francisco Alves, e o segundo, do livro de contos *Laços de Família*, intitulado “O Búfalo”, *corpus* deste trabalho, publicado em 1960, pela mesma editora, temos a chave de uma questão. Ambos partilham de uma temática que corrobora certo chamado ou apelo ao animal. Além disso, mesmo em gêneros literários diferentes, romance e conto, as narrativas carregam um convite ao bicho, dado, aqui, como oportunidade do pensamento. Pelas datas de aparecimento dos livros, podemos constatar o interesse de nossa ilustre escritora pela problematização da aproximação entre o homem e o animal.

Ainda como interpretação aproximativa entre as obras mencionadas pela epígrafe, dando ênfase à particularidade de uma temática selvagem no conjunto da ficção clariceana, a qual serve de referência para várias de suas narrativas, faz-se mister desenvolvermos um breve resumo do romance *A maçã no escuro*, apenas para situarmos o conto “O búfalo”, como parte de um projeto maior. Em *A maçã no escuro*, encontramos o itinerário e nascimento de um herói, cujo nome é Martim. O personagem inicia, já no começo do romance, uma fuga, após a tentativa de assassinato de sua esposa. Para tanto, não temos detalhadas explicações sobre o ocorrido. Martim, por vezes, esquece o crime cometido, e passa a “mergulhar” num outro universo, longe do burocrático e organizado mundo lógico, em que antes pertencia. Neste novo ambiente, é o selvagem que o move, interessando-se pelos grunhidos dos bichos.

Pela síntese do romance, passemos à narrativa “O Búfalo”, décimo terceiro e último conto, do livro *Laços de família*. Trata-se da história de uma mulher, cujo nome não é revelado, que, após um frustrado relacionamento amoroso, resolve visitar um Jardim Zoológico. Destarte, nessa ida ao lugar, a mulher carrega um desejo íntimo, qual seja: estar frente a frente com o “ódio”. Para isto, faz-se necessário despir-se de qualquer “perdão” e “amor”. Vejamos um trecho inicial:

Mas era primavera. Até o leão lambeu a testa glabra da leoa. Os dois animais louros. A mulher desviou os olhos da jaula, onde só o cheiro quente lembrava a carnificina que ela viera buscar no Jardim Zoológico. Depois o leão passeou enjubilado e tranquilo, e a leoa lentamente reconstitui sobre as patas estendidas a cabeça de uma esfinge. “Mas isso é amor, é amor de novo”, revoltou-se a mulher tentando encontrar-se com o próprio ódio mas era primavera e dois leões se tinham amado (LISPECTOR, 2009, p. 126).

Pelo fragmento, vê-se exposto o real objetivo daquela mulher, “a fêmea desprezada” (LISPECTOR, 2009, p. 134), ao adentrar o zoológico. Nele, busca-se um “ódio” da ordem do animalesco. Todavia, como mostra o excerto acima, o que ela vê ainda é a imagem e a “moldura” do amor, do sentimento de que tentava desapegar-se. Contrariando aquela natureza domesticada, delicada e paciente, vista na troca amorosa do leão e da leoa, a mulher escondia “os punhos nos bolsos do casaco” (LISPECTOR, 2009, p. 126). No fundo, ela queria e esperava o modo de ser natural naqueles bichos, isto é, sua selvageria e ódio primitivo, que impulsionam o animalesco e suas pulsões.

Assim, compreendemos que o conto “O búfalo” tem seu lugar no conjunto da ficção clariceana, localizando-se nas margens que inauguram uma perspectiva de aproximação do homem com o animal, do contato que se dá pelo não domesticado dos bichos, ao contrário, pelo que o animal é, em seu estado bruto. Para ficar mais clara esta abordagem, é importante recorrermos a um trecho de outro texto de Lispector, *Um*

sopro de vida, no qual a personagem Ângela justifica as “profundezas selvagens” do seu cachorro Ulisses, quando este a morde. Vejamos:

Uma vez ele fez uma coisa inesperada. E eu bem merecia. Fui fazer um carinho nele, ele rosnou. E cometi o erro de insistir. Ele deu um pulo que veio de suas *profundezas selvagens de lobo* e mordeu-me a boca. Assustei-me, tive que ir ao pronto-socorro onde deram-me dezesseis pontos. Disseram-me que desse Ulisses para alguém pois ele representava um perigo. Mas acontece que, depois do acidente, uni-me ainda mais a ele. (LISPECTOR, 1983, p. 65, grifo nosso).

Ulisses, cachorro que é “é Amapá” (LISPECTOR, 1983, p. 64), porque fica distante dos grandes centros urbanos do Brasil, como demonstra a personagem, possui guardado o seu “lobo”, mesmo sendo animal domesticado. Assim, metaforicamente, ao identificar-se com o afastado, “o fim do mundo” (LISPECTOR, 1983, p. 64) corrobora também o escondido, o selvagem guardado. Neste íterim, voltando ao conto “O búfalo”, o que a “fêmea desprezada” procurava era o mais apartado do domesticado, do manso e da “amorosa” natureza. Em síntese, ela rastreava “a violência, só isto” (LISPECTOR, 2009, p. 130). Situado o lugar de “O búfalo” na temática que pressupõe o selvagem na ficção de Clarice Lispector, passemos a tratar, ainda que brevemente, da crítica que lê e dá ênfase a este viés.

A crítica de Evando Nascimento e as interpretações pelo selvagem

Evando Nascimento, ao longo de sua formação acadêmica, sempre buscou na literatura de Clarice Lispector assuntos singulares e fundamentais para a atualidade, os quais movem a sua crítica. Trata-se de uma literatura que ele chama de pensante. Vale ressaltar que este interesse de Nascimento pela capacidade pensante de certas ficções, implica seu envolvimento com outro estudo, resultado de uma tese de Doutorado, em que ele pesquisa o pensamento de Jacques Derrida. Na mencionada tese, Nascimento sublinha:

No plano da literatura, a preferência de Derrida se faz por autores como Celan, Ponge, Shakespeare, Joyce, Poe, Baudelaire, Genet, Kafka, Jabès... uma série em que Mallarmé não é certamente o menor deles. A escolha se justifica pelo tipo especial de literatura que praticaram: chamaria, por antecipação, *uma literatura pensante*. (NASCIMENTO, 1999, p. 22, grifo do autor).

“Uma literatura pensante”. É o que devemos levar em consideração na abordagem do crítico brasileiro. Com este interesse pelo pensar, o qual não se classifica como “filosofante”, porque não se enquadra como produtora de conceitos, como é próprio da matéria filosófica, as temáticas e assuntos das narrativas de Clarice colocam-se na oportunidade de repensar, por exemplo, o lugar do homem e do animal, numa espécie de mergulho ao primário e ao escondido da natureza bruta.

No conjunto da reflexão crítica de Evando Nascimento, o estudo a respeito da ficção clariceana se encontra em seu maior fôlego no livro *Clarice Lispector: uma literatura pensante* (2012). Nele, já em suas primeiras páginas, o pesquisador insere a chave de sentido de sua abordagem no que diz respeito tanto aos homens quanto aos animais, os quais ele chama de “catalisadores”. Vejamos: “Para mim, de saída nem os homens, nem os assim chamados animais (sempre no plural) correspondem a conceitos, mas são antes catalisadores ou feixes de sentido¹, a que se pode recorrer não sem algum protocolo de leitura” (NASCIMENTO, 2012, p. 13). Assim, por “catalisadores” entendemos o “efeito” de sentido que advém da literatura de Lispector, da qual, aqui, elegemos o animal como “motor propulsor”.

Em suma, a crítica de Nascimento em relação à produção de Lispector, inaugura novas e atuais possibilidades, “feixes de sentido”, como pensa o estudioso. Neste bojo, o “animal” ocupa um lugar de destaque nessa crítica. Na seção “Clarice e o não humano: rastros”, elabora a positividade do “não humano”, onde se encontra o animal, dado como possibilidade de ultrapassar a civilização, seus “avanços” e maneiras

¹ Na esteira do pensamento de Derrida, “sentido” e “leitura” carregam, aqui, um valor pragmático, cujos “deslocamentos” de sentidos perfazem na negação à qualquer passividade de leitura. Cf. NASCIMENTO, 2004, p. 14: “O que conta para Derrida é a leitura como função em certo sentido ‘pragmática’, ou seja, o ato de fala ou de discurso como prática de um sujeito, que fala, escreve, agencia valores, desloca sentidos, redimensiona estruturas etc. Em outras palavras, em vez da noção de leitura tanto como relação passiva de mero consumo de um ou mais sentidos já prontos no texto de um outro autor; quanto como simples explicação do que seria essa significação pré-dada, em Derrida o sentido é algo sempre por ser elaborado, remanejado, deslocado etc.”

limitadas de vivência. Segundo o autor, certas narrativas de Lispector, “ficcionalizam certo não humano não como aquilo que ameaça o homem, mas, ao contrário, contribui para o ultrapasse das barreiras impostas pela civilização dita ocidental no avançado estágio de seu desenvolvimento tecnológico” (NASCIMENTO, 2012, p. 25). Dessa forma, inserimos o conto “O búfalo”, neste intercruzamento catalisador, em que sentidos são postos como amálgama do caráter pensante. Em relação ao nosso *corpus*, Nascimento, no mesmo capítulo, destaca:

Tem-se a história de uma mulher no zoológico em busca de experimentar o ódio que deveria estar sentindo pelo fato de ter sido recusada por um homem. Para seu azar, é primavera, e tudo em volta lhe desperta um sentimento de amor ou de comiserção. A história enfatiza o acasalamento dos animais, o *convite* à cópula e ao afeto. Tudo o que a personagem ressentida não quer. Até que, enfim, *encontra* o desejado no olhar do búfalo. (NASCIMENTO, 2012, p. 33, grifo nosso).

Como explicita o crítico, a mulher não aceita o “convite à cópula”, daquela que amansa a natureza, que lhe mostra o amor paciente, como faz lembrar a situação inicial entre o leão e a leoa, antes prefere o “desejado” do encontro com o mais selvagem, visto no “olhar” do búfalo. Desse modo, a “fêmea” ressentida prefere uma experiência mais radical, em que emerge do “estranhamento de si mesmo” (NASCIMENTO, 2012, p. 32).

Outro aspecto importante que devemos considerar na formulação interpretativa de Nascimento para a literatura de Lispector diz respeito ao chamado ou vocação ao selvagem, como já é possível perceber nos trechos citados anteriormente, por exemplo, por meio da palavra “encontro” ou “convite”. Para efeito de problematização, ainda vamos analisar o sentido de “convite” em “O búfalo”, entretanto, neste momento, pensemos o que significa o “chamado” pela ótica desse estudioso. Para ele:

Em síntese, a questão do chamado seria a de que somente os homens são capazes do nome, da palavra, enquanto os bichos, no máximo, convocam e atendem ao chamado. O “outro” apenas chama, grita, berra, urra etc.; o “mesmo” civilizado nomeia, designa, batiza, denomina etc. Mas é preciso ver que as duas performances linguísticas se encontram no ato fundamental de chamar alguém ou de alguém chamar-se; há nisso algo de humanamente animal, estranhamente familiar-no nome próprio e no potencial vocativo. (NASCIMENTO, 2012, p. 27-28).

Temos, aqui, configurados, portanto, dois pontos centrais para nossa leitura de “O búfalo”: O caráter pensante e o chamado animal, cuja etimologia levantada por Nascimento, traçam e demarcam nosso interesse. Assim, compreende-se esta “vocação”, como “uma questão de voz, chamamento, intimação e convite” (NASCIMENTO, 2012, p. 27), no fundo, o que ele mesmo considera como uma “nostalgia de não ter nascido e crescido bicho de todo” (NASCIMENTO, 2012, p. 27), marca da ficção clariceana. Por fim, com este instrumental interpretativo, é possível pensarmos o lugar de “O búfalo” num projeto literário de uma escritora que priorizou uma questão fundante: a ficcionalização do selvagem.

Na esteira da presença do inumano, do selvagem e do animal, talvez o que essa mulher quisesse fosse uma natureza que se “impunha, soberana” (SÁ, 2004, p. 77), como pensa Olga de Sá em sua interpretação de *A maçã no escuro*. Assim, indagamo-nos, como pensar esse domínio e poderio do natural com o aprisionamento dos bichos? Por outro lado, sabemos que nos mais domésticos dos animais, há sempre o indomesticável, como o cachorro Ulisses, da personagem Ângela, de *Um sopro de vida*.

Benedito Nunes, outro importante intérprete da obra de Lispector, embora realize uma leitura sob a perspectiva existencialista, trata da relação entre o orgânico e Martim, o qual nos serve de exemplo para pensarmos também o interesse da personagem de “O búfalo” pela matéria crua, pela carnificina, onde se encontra o “ódio”. Segundo Nunes:

Nessa atmosfera de entranhas palpitantes, Martim encontra, sob forma de vida ativa, de matéria operante, que segue curso impassível, o sórdido, o fecal. [...] Martim, caindo em êxtase diante da vida impessoal da Natureza, vislumbra a conexão a que a náusea emprestará um cunho de participação orgânica. São os momentos de “descortino”, assim chamamos pela romancista os instantes de compreensão fechada, no alvoroço de um êxtase selvagem. (NUNES, 2009, p. 98).

Vê-se, na crítica de Nunes, sobretudo na mistura entre “êxtase” e “náusea”, ao lado de selvagem, o intento de uma interpretação existencialista. Todavia, nessa recepção crítica inicial, já temos a presença de uma “força” da natureza, do orgânico, como parte importante do itinerário de tantos personagens clariceanos,

mas, como dissemos, pensados num viés que corrobora sempre o “descortino” e revelações que compreendem êxtases, visto como algo fora de qualquer coisa material. Queremos dizer, com isto, que é possível e legítima a realização de uma leitura por esta abordagem, entretanto, buscamos em nossa interpretação um caráter de cunho mais pragmático, colocado na problematização da relação entre os homens e os animais, apartados pelo desenvolvimento tecnológico e material, podendo ser, ainda, resgatado, em “chamados” e “apelos” selvagens.

A problematização do “convite” em “O búfalo”

Como tivemos oportunidade de verificar por meio da leitura de Nascimento, a mulher recusara o “convite à cópula e ao afeto” que advinha dos animais do zoológico, em época de primavera. Para tanto, são várias as passagens do conto que explicitam esse “convite” indesejado. Chamaremos, aqui, de apelo ao “domesticado”. Como mostra no começo da narrativa, a mulher desviou do afeto entre o leão e a leoa, porque buscava “a carnificina” naquele ambiente projetado. Poder-se-ia pensar uma questão fundamental nesta procura. Perguntamo-nos: como encontrar a “carnificina”, o “cru” selvagem, em um lugar pensado e produzido artificialmente pelo homem, aquele da civilização e do espetáculo, no qual o zoológico está incluído? Nesta pergunta, vamos tentar problematizar o “convite” posto na narrativa. No fundo, cremos que a decepção daquela mulher nascia das jaulas fechadas, da domesticação do bicho, que a impedia de encontrar-se com o verdadeiro selvagem, o animal solto: “rodeada pelas jaulas, enjaulada pelas jaulas fechadas” (LISPECTOR, 2009, p. 126).

Portanto, ao desviar o olhar da cena em que dois leões se “tinham amado” (LISPECTOR, 2009, p. 126), a mulher se depara com outra “malquista” visão, conforme a sua busca. Trata-se, agora, de uma girafa. Vejamos as pistas do que chamamos de “apelo doméstico”, que se concretiza na realidade das jaulas trancadas: “diante da aérea girafa pousada, diante daquele silencioso pássaro sem asas [...] diante da girafa que mais era paisagem que um ente” (LISPECTOR, 2009, p. 126). Vemos, neste excerto, a marca de um bicho enjaulado, uma girafa afastada da pulsão selvagem que a habita. Para ela, não há asas e liberdade, dado que é apenas “paisagem” do ambiente artificial, encarnado como espetáculo. Fora do ambiente da carnificina, a girafa é apenas moldura criada e motivo de doença para a fêmea que queria encontrar “o ponto de ódio” (LISPECTOR, 2009, p. 126), aquele do punho que escondia nos bolsos do casaco.

Na linha em que se coloca o pensamento de Derrida em *O animal que logo sou*, consideramos o animal, a sua busca pelo “ódio”, metáfora do bruto, na ficção de Clarice, como amálgama de um selvagem em que “figuras animais se acumulam, ganham em insistência ou em visibilidade, agitam-se, fervilham, mobilizam-se e motivam-se” (DERRIDA, 2002, p. 66). No fundo, essas “figuras” emergem das possibilidades nas quais “fervilham” o animal que se é, e não “as personagens de fábulas” (DERRIDA, 2002, p. 66), “humanas” e morais. Assim, em “O búfalo”, compartilha-se desse desejo, ou intimação, que se “mobiliza” no animal. Nega-se, para isto, a “primavera”, girafas que são apenas paisagens ou, ainda, bichos que se amam como homens, próximos que estariam das fábulas morais.

No bojo desta leitura, enfatizamos o lugar de “O búfalo” na conjuntura de uma literatura que se insere na valorização de uma transformação pelo contato com o animal. Ainda sobre a importância deste na ficção de Lispector, Carlos Mendes de Sousa em *Clarice Lispector: figuras da escrita*, sublinha que em Clarice:

O animal começa por ser entrevistado como um dos mais óbvios e indispensáveis signos numa caracterização da escrita [...] Falar em Clarice Lispector é falar da barata ou da galinha ou do cavalo e poder-se-ia, seguidamente, continuar com um extenso rol: o cão, um búfalo, um mico, uma esperança. (SOUSA, 2000, p. 235).

O búfalo, como demonstra a lista de Sousa, integra a particularidade de uma ficcionalização do selvagem, no qual se “mobiliza”, para usarmos um termo de Derrida, uma imensidão de efeitos de sentidos. Na esteira desta reflexão, como outros animais do inventário de Clarice, o búfalo partilha de um movimento contraditório na busca do ódio, naquele zoológico. Para ele, agita-se o encontro com o selvagem que já habita na mulher. Dá-se pelo “olhar”, numa multiplicação do bruto. Sobre o olhar multiplicador do animal no homem, Derrida afirma: “os animais me olham. Com o sem rosto, justamente. Eles se multiplicam, eles me saltam cada vez mais selvagememente aos olhos à medida que meus textos parecem se tornar, como quiseram fazer-me crer, cada vez mais ‘autobiográficos’” (DERRIDA, 2002, p. 67).

Na aprendizagem do ódio, a personagem ressentida, como entende Nascimento, segue seu itinerário de procura: “Procurou outros animais, tentava aprender com eles a odiar” (LISPECTOR, 2009, p. 127), no fundo, como Martim de *A maçã no escuro*, ela queria o não pensamento², o “tal doce martírio em não saber pensar” (LISPECTOR, 2009, p. 127). Nessa ânsia do “não pensar”, mas que, no plano ficcional, é todo pensamento, isto é, pelo que advém da própria interpretação do que se agita nessa procura, a mulher continua com seu ódio em seu punho ao ver uns macacos: “mas era primavera, e, apertando o punho no bolso do casaco, ela mataria em levitação pela jaula, macacos felizes [...] a macaca com olhar resignado de amor [...] os dentes da mulher se apartaram até o maxilar doer” (LISPECTOR, 2009, p. 127).

Assim, ela que fora buscar ódio, só encontrava “olhar resignado” de sentimentos quase humanos, aqueles do amor e perdão, nos animais. Ela queria, no fundo, a carnificina, para isto, precisava cavar a terra, encontrar-se com o primário. Para este encontro, era necessário “cavar na terra até encontrar a água negra, como abrir passagem na terra dura” (LISPECTOR, 2009, p. 127). Vê-se, por meio dos excertos, a coerência temática de “O búfalo” em relação às outras narrativas da escritora. No que tange à terra bruta e à água negra, em *A maçã no escuro*, essa terra, carregada de brutalidade, aparece como terreno primário e antigo, em que “no duro chão empinavam-se os arbustos. E as pedras” (LISPECTOR, 1983, p. 41).

Portanto, a personagem desejava o ódio, daquele que deixa a mostra o cru e a carnificina, para isso, era urgente deslocar o coração: “seu coração não bateu no peito, o coração batia oco entre o estômago e os intestinos” (LISPECTOR, 2009, p. 133). A passagem, ou melhor, a mudança do coração, do peito, metáfora do afago e afeto, para o estômago, onde pulsam e pululam entranhas e coisa orgânica em digestão, é o esclarecimento daquilo de que aquela mulher tentava participar no Jardim Zoológico. Em síntese, ela sinaliza o interesse pela fera e pela besta. Para isto, compartilhamos do argumento de Nascimento, ao dizer na seção “Colonização e ferocidade”, que: “o animal pode ser violento, mas, do ponto de vista da cultura, a besta e a fera são animais por assim dizer desembestados, entregues aos seus mais virulentos instintos” (NASCIMENTO, 2012, p. 21).

Assim, a afirmação de Evando Nascimento se mostra acertada para nossa leitura do conto “O búfalo”, na medida em que “joga” luz para pensarmos a problematização do convite naquele Jardim Zoológico. Acreditamos que, nesta diferença entre o animal e a fera, esteja latente a busca da fêmea rejeitada. Dessa forma, usamos o termo animal, anteriormente, para facilitar o entendimento, mas, nesta ocasião, é oportuna a distinção pensada pelo crítico. Com esta oposição, compreendemos a recusa ao que chamamos animal “doméstico”, presos que estão em jaulas, as quais, por sua vez, “enjaulam” a mulher que esconde a pulsão selvagem nos bolsos do casaco. Preparamos, então, por meio da reflexão de Nascimento, o que se encontra em questão naquela visita ao Jardim. “Caçava-se” a ferocidade, o coração que pulsa no estômago, no fundo, o seu devir.

Devir, aqui, deve ser entendido na maneira como pensou Deleuze, correspondendo como qualquer coisa ligada à transformação de si. Sousa sublinha que “o modo mais produtivo para definir o processo figurado pela força animal na escrita de Lispector, encontramos-lo no conceito deleuziano de devir” (SOUSA, 2000, p. 236). Ao situarmos o “devir” nesta mudança do sujeito pelo animal, para usarmos um termo que melhor facilite a questão, aceitamos a explicação de Sousa, ao questionar ser o devir diferente da metamorfose na obra de Clarice Lispector. Nesta perspectiva, não há vontade de tornar-se animal na ficção desta autora, dando-se antes a mudança e a transformação de si, cujo catalisador é o selvagem.

Segundo Deleuze e Guattari, citado por Carlos Mendes de Sousa, diz-se que: “os devires-animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são reais. Mas de qual realidade se trata? Pois o devir animal não consiste em tornar-se animal ou imitá-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1980, p. 291, tradução nossa). Portanto, seguindo o conceito de Deleuze e Guattari, não há intenção de transformação em outra coisa, como se dá em metamorfose, quando consideramos o encontro homem-animal como devir, senão em si mesmo.

Explicado o sentido da aproximação com o animal em Clarice, movimentamos a nossa interpretação para a problematização do “convite” no conto “O búfalo”, em que o verdadeiro sentido daquela ida ao Zoológico prefigura um momento de devir, no qual, diante de tantos animais presos, enjaulados, será necessário um olhar atento para perceber no verdadeiro animal a possibilidade da fera. Para isto, como faz

² Cf. LISPECTOR, 1983, p. 17-18: “Em duas semanas aprendera como é que um ser não pensa e não se mexe e no entanto está todo ali [...] Como uma pessoa que não pensa, tornara-se autossuficiente.”

lembrar o título, é o búfalo que exerce essa função ou, ainda, novas possibilidades são postas a partir do olhar daquele selvagem animal.

Seguindo o seu desejo de estar *tête-à-tête* com o ódio, a mulher se aproxima de outras jaulas. Em uma delas, encontra-se um elefante, mas este a decepçiona, fazia parte ainda do domesticado, do bicho sem potência: “Aquele elefante inteiro a quem fora dado com uma simples pata esmagar. Mas que não esmagava. Aquela potência que no entanto se deixaria docilmente conduzir a um circo, elefante de crianças” (LISPECTOR, 2009, p. 128). Vê-se, nesta “cena”, o desapontamento e desencanto diante de uma natureza em fraca potencialidade, presa em suas docilidades e servida, apenas ao espetáculo de crianças. Ela continua: “E os olhos, numa bondade de velho, presos dentro da grande carne herdada. O elefante oriental. Também a primavera oriental” (LISPECTOR, 2009, p. 128). Pelo excerto, vemos a mesma primavera, internalizada em animais de olhar de “bondade” e de delicadas fisionomias.

Como procura e interesse, a mulher, pelo encontro com o bicho, queria despir-se daquele modo de paciência e perdão, mas, no início, como estamos tentando sinalizar com fragmentos da própria narrativa, encontrara apenas a delicadeza de uma primavera. Para isto, ela não desejava a particularidade humana no animal, antes procurava a fera no bicho, talvez, na tentativa de reinventar o humano. Para Nascimento:

Com efeito, investigar cada vez mais o que os animais, as plantas e também as pedras têm a nos dizer por meio da fabulosa ficção clariceana. [...] A reinvenção do humano, como visto, depende necessariamente da intertroca com as formas vicinais: todos os viventes, como os animais e plantas, bactérias e vírus (agentes de processos e mutações). (NASCIMENTO, 2012, p. 52).

Para tanto, vale a pena esclarecer, de acordo com o nosso entendimento, que o termo “fabulosa”, mencionado na citação anterior de Nascimento, não implica a ficcionalização dos bichos, conforme o gênero fábula, em que ocorre transposição de valores e costumes dos homens para o animal; ao contrário, é questão que se dá em devir, na maneira como pensa Deleuze, no qual tivemos oportunidade de explicar anteriormente.

Dito isto, vale a pena ressaltarmos o que Nascimento chama de “reinvenção do humano”, em que o caráter de uma literatura do pensamento tem vez. Como próprio do devir homem-animal, mudanças e transformações acontecem como particularidade mais latente desse movimento, dado no encontro e no chamado, em que o homem não deixa de ser homem, nem animal deixa de ser animal. Na esteira do pensamento de Deleuze, é a própria realidade, não havendo fantasma, nem intersecções com outro mundo mais transcendental ou em revelações.

Ainda em contínuo desapontamento, a mulher joga com dois planos a partir do uso de “mal-estar”. O primeiro diz respeito à própria sensação de doença que ela tinha experimentado até aquele momento. Doença, aqui, entende-se como algo não encontrável, portanto, negativo. O segundo é o mal-estar que nasce de um “estranho familiar”, o que existe, mas está escondido, esperando para se mostrar:

Aproximou-se das barras do cercado, aspirou o pó daquele tapete velho onde sangue cinzento circulava, procurou a tepidez impura, o prazer percorreu suas costas até o mal-estar, mas não ainda *o mal-estar que ela viera buscar. No estômago contraiu-se em cólica de fome a vontade de matar.* (LISPECTOR, 2009, p. 128, grifo nosso).

Dessa forma, o mal-estar positivo, com base naquilo que a mulher procurava, tinha no estômago a sua chave. Poder-se-ia, nesta oportunidade, pensarmos o valor dado a este órgão, o qual se coloca, quem sabe, como a imagem da consciência e da vontade do sujeito. A aproximação entre a mulher e o animal, não significa, de todo modo, a transformação ou metamorfose daquela em selvagem criatura, antes se coloca como motivação para o alcance da consciência. Poderíamos trazer, para a nossa reflexão, aquela famosa imagem de Nietzsche, que afirma ser a consciência uma espécie de órgão estomacal. Assim, no zoológico, a mulher levava consigo uma “vontade de matar”, espécie de poderio escondido no punho, como se quisesse carregar consigo “bons dentes e bom estômago” (NIETZSCHE, 2001, p. 43). Os termos de Nietzsche interpelam o próprio leitor de Clarice: “Eis o que lhe desejo! / Se der conta de meu livro. / Certamente se dará comigo!” (NIETZSCHE, 2001, p. 43).

A referência ao estômago, pois, apresenta, metaforicamente, a intencional vontade de desvincular-se daquelas afetuosas imagens dóceis, dadas pelo perdão, paciência e amor. Ela não queria a primavera, desejava a vontade, poderio, pulsão e ódio: “O mundo de primavera, o mundo das bestas que na primavera se cristianizavam em patas que arranham mas não dói...” (LISPECTOR, 2009, p. 131). Desse modo, pelo

fragmento, temos configurada a importância desta narrativa como agitadora de sentidos e mobilizadora do pensamento, da maneira como explicita Evando Nascimento. Na esteira desse crítico, Clarice Lispector, ao ficcionalizar o selvagem, instaura a oportunidade de pensarmos a reinvenção do homem pelo “olhar” da besta não cristianizada, como é revelado pelo narrador.

Por todas essas particularidades da ficção clariceana, aceitamos a contribuição crítica de Nascimento, porque nos mostra e nos encoraja a refletir acerca de uma literatura que se perfaz na linha do pensamento, não para formular conceitos, porque não estamos no campo do filosófico, antes, “possibilita pensar o impensável; e só pode haver pensamento ali onde se dá o advento da alteridade” (NASCIMENTO, 2012, p. 24). Em linhas gerais, e sempre seguindo a coerência argumentativa de Nascimento, consideramos a literatura de Clarice como mobilizadora para pensar o mundo; neste caso, o homem-animal, em troca, e não como “inimiga predadora” (NASCIMENTO, 2012, p. 24). Para tanto, o crítico nos alerta sobre o que se encontra em jogo na literatura de Lispector: “pensar o mundo é, pois, possibilitar o próprio pensamento” (NASCIMENTO, 2012, p. 24). Entretanto, dialogando ainda com Nietzsche, faz-se necessário munir-se de vontade e estômago, berço da consciência.

Por um “olhar” de bicho-fera

Após a “doença”, advinda do descontentamento da ausência da pulsão selvagem, isto é, da besta e da ferocidade em animais enjaulados, a fêmea recusada resolve ter a experiência da montanha russa do Jardim Zoológico. Da montanha russa em movimento, “sua mão se estendeu como a de um aleijado pedindo. Mas como se tivesse engolido o vácuo, o coração surpreendido” (LISPECTOR, 2009, p. 130). Em “Violência”, a mulher reinicia a busca pelo bicho, para que este pudesse proporcionar-lhe o ódio, “mas onde, onde encontrar o animal que lhe ensinasse a ter o seu próprio ódio? O ódio que lhe pertencia por direito” (LISPECTOR, 2009, p. 131). Por direito, é o reclame da moça em sempre procura, por outro lado, vemos o termo “encontrar” já insinuando o momento de devir mulher-búfalo. Entretanto, antes do encontro, são rastros de brutalidade no ambiente que se colocam, como que preparando uma situação de mal estar, de estranhamento, ela que recusava o perdão:

Certa paz enfim. A brisa mexendo nos cabelos da testa como nos de pessoa recém-morta, de testa ainda suada. Olhando com isenção aquele grande terreno seco rodeado de grades altas, o terreno do búfalo. O búfalo negro estava imóvel no fundo do terreno. [...] O pescoço mais grosso que as ilhargas contraídas. Visto de frente, a grande cabeça mais alta que o corpo impedia a visão do resto do corpo, como uma cabeça decepada. E na cabeça os cornos. De longe ele passeava devagar com seu rosto. Era um búfalo negro. Tão preto que a distância a cara não tinha traços. Sobre o negror a alvura erguida dos cornos. (LISPECTOR, 2009, p. 133).

Conforme a descrição do búfalo, é nítida a oposição em relação aos outros animais, que a deixava doente, quando percebia a anulação da potência do ódio naquelas criaturas. O narrador sinaliza, no entanto, uma espécie de separação ou de suspensão, em uma mudança de ambiente. “Certa paz enfim”, significa o aparecimento do terreno do búfalo, caracterizado como “seco”, “rodeado de grades altas”, porque ali habita a verdadeira fera. Da sua fisionomia, assim, é fragrantado a sintonia com o novo espaço. “Negro”, “pescoço duro”, “grande cabeça”, acompanhado de “duro músculo” (LISPECTOR, 2009, p. 133). Com ele, a fêmea, não aceita pelo macho, descortinaria o mundo, visto como abertura, onde o animal-fera a provoca.

Neste “encontro-devir”, vemos prefigurado o caráter dessa mulher, que não aceita mais os termos que regem certa ética cristã. Ao contrário, nela, habita a rebeldia e a ousadia, uma vontade de transpor os muros de uma ética que só lhe faz mal, no fundo, que a rebaixa à serventia, à paciência e ao perdão de sempre. Compartilhamos, para isto, da visão de Evando Nascimento no ensaio *Clarice Lispector: les animaux, les choses, la pensée*, ao sublinhar que, na ficção da escritora, no qual ele chama de “instituição literária”, trabalha-se com “o poder de dizer tudo sobre o humano” (NASCIMENTO, 2013, p. 101, tradução nossa). Neste ínterim, o que significa o humano em “O búfalo” ou, ainda, como o bicho-fera pode resgatar e ensinar o ódio, já escondido no punho, à fêmea recusada?

Pelo estranhamento, o humano é problematizado como revolução de si. Para tanto, acreditamos estar imbuída, neste propósito, qualquer coisa de “assimilação” pelo bicho. Com ele, aprende-se, em ódio que nasce no

estômago, para lhe devolver em novas maneiras de estar no mundo. Agora, em “violência positiva”, modo que guarda a potência e a pulsão pelo embrutecimento, que deixa de ser apenas marca do animal, para fazer emergir, no homem, itinerários mais distantes. Em suma, luta-se pela verdadeira liberdade ou, quando muito, pelo desligamento de uma cultura “castradora” e inibidora.

Vale ressaltar, no entanto, que essa “libertação”, vista na sua complexidade, carrega uma imensidão de efeitos de sentidos, onde os bichos-feras são “agentes de processos e mutações”. (NASCIMENTO, 2012, p. 52). Assim, sendo catalisadores de transformações, próprias do devir, as “bestas”, em sua ferocidade, auxiliam o homem na imersão do estranho familiar e, num movimento radical, tornam-nos partidários e participantes do mesmo terreno seco, bruto e, quase sempre, imundo e carregado de cheiros fortes, que emanam dos animais. Então, contrastando-se com o outro ambiente do zoológico, movimentado e barulhento, a mulher, neste novo espaço bruto, percebe o silêncio, tantas vezes lembrado na obra de Clarice, associado, em grande parte, à ausência de comunicação humana, que se alarga em novas possibilidades, pelo grunhido, por exemplo:

A mulher talvez fosse embora mas o *silêncio era bom no cair da tarde*. [...] E no *silêncio do cercado*, os passos vagarosos, a poeira seca sob os cascos secos. De longe, no seu calmo passeio, o búfalo negro olhou-a um instante. No instante seguinte, a mulher de novo viu apenas o duro músculo do corpo. Talvez não a tivesse olhado. Não podia saber, porque das trevas da cabeça ela só distinguia os contornos. Mas de novo ele pareceu tê-la visto ou sentido. (LISPECTOR, 2009, p. 133, grifo nosso).

No silêncio, que não significa ausência, mas comunicação por meio de uma nova linguagem, presente no olhar do bicho, outras possibilidades são oferecidas ao homem: “lá estavam o búfalo e a mulher, frente a frente. Ela não olhou a cara, nem a boca, nem os cornos. Olhou seus olhos” (LISPECTOR, 2009, p. 135). *Tête-à-tête* com a brutalidade da verdadeira fera, a fêmea trabalhava o corpo: “a mulher aprumou um pouco a cabeça, recuou-a ligeiramente em desconfiança. Mantendo o corpo imóvel, a cabeça recuada, ela esperou” (LISPECTOR, 2009, p. 133).

Pelo corpo, como um imenso estômago, ela assimila a fera; além disso, com ele, experimenta o estranho, enfim, alcança o mal-estar positivo, aquilo que sempre quisera. Dessa maneira, em devir, ela conservava o seu corpo, mas, por meio dele, ela “digeria” a fera, assimilava-o pelo “olhar”. Nela, tudo se transformava, fazia parte de um mundo bruto:

Aquela coisa branca se espalhava dentro dela, viscosa como uma saliva [...] Mas dessa vez porque dentro dela escorria enfim um primeiro fio de sangue negro. [...] O primeiro instante foi de dor. *Como se para que escorresse este sangue se tivesse contraído o mundo*. Ficou parada, ouvindo pingar como numa grotta aquele primeiro óleo amargo, a fêmea desprezada. Sua força ainda estava presa entre barras, mas uma coisa incompreensível e quente, enfim incompreensível, acontecia, uma coisa como uma alegria sentida na boca. Então o búfalo voltou-se para ela. (LISPECTOR, 2009, p. 134, grifo nosso).

“Como se para que escorresse este sangue se tivesse contraído o mundo”: Vemos o contato se constituindo. Faz-se pela radicalidade, pela contração do mundo quando do escorrer da coisa viscosa e sangue. É o mundo pulsando outras possibilidades, agora, do imundo e quente da coisa orgânica, da vida em latência, como que explorando o espaço do sujo, do informe, na maneira como pensa Georges Bataille: “o universo não se assemelha a nada e é apenas informe equivale a dizer que o universo é algo como uma aranha ou um escarro” (BATAILLE, 2018, p. 147).

Neste bojo, aquele universo, em troca com o bicho-fera, dava-lhe a experiência de penetrar em uma realidade que transborda o ódio e a violência transformadora, porque se perfaz em liberdade e nunca em paciência e perdão. Estamos, pois, no terreno da fera, que ao matar e se alimentar de sua vítima, sequer olha para trás. Aqui, o olhar do bicho que a toma, motivo de horror para muitos, eleva-a à própria consciência. É oportuno o que diz Bataille em seu verbete “Olho” da revista *Documents*. Vejamos:

Vontade singular, evidentemente, da parte de um homem branco, a quem os olhos dos bois, dos cordeiros e dos porcos que come sempre foram ocultados. Pois o olho, segundo a deliciosa expressão de Stevenson, *iguaria canibal*, é de nossa parte objeto de tamanha inquietude que jamais o mordemos. Olho chega, aliás, a ocupar uma posição extremamente elevada no *ranking* do horror, por ser, entre outras coisas, *o olho da consciência*. (BATAILLE, 2018, p. 98-99, grifo do autor).

Diante de todo o exposto, chegamos à chave de nossa reflexão. No itinerário dessa mulher, pensamos estar imbuído o caráter pensante, no qual se inclui o nosso trabalho, feito à luz dos argumentos de Evando Nascimento. Dessa forma, o devir, o selvagem, o olhar e o coração que desce ao estômago fazem parte de uma problematização maior, que corrobora e pede, como no verbete de Bataille, “o olho da consciência”.

Com isto, em virtude de aspectos mostrados pela própria narrativa, temos configurada uma vontade e uma potência que, pela experiência e pelo estranhamento do contato com o olhar do búfalo, movimenta um mundo, agitando-se em uma consciência de si mesmo: “E os olhos do búfalo, os olhos olharam seus olhos. E uma palidez tão funda foi trocada que a mulher se entorpeceu dormente. *De pé, em sono profundo*. Olhos pequenos e vermelhos a olhavam. Os olhos do búfalo” (LISPECTOR, 2009, p. 135, grifo nosso)

Poderíamos voltar, neste momento final, às epígrafes que abrem este trabalho. Martim, de *A maçã no escuro*, ao dormir profundo, vai ainda mais longe, como segue no romance, “Martim adormeceu ainda mais longe. Embora no fundo do sono alguma coisa ecoasse difícil, tentando se organizar” (LISPECTOR, 1985, p. 10). Portanto, como Martim, personagem que foge após o suposto crime cometido contra a esposa, a mulher que visita um zoológico para experimentar o ódio do bicho-fera também o faz pelo sono, metáfora que se produz como lugar do estranhamento e da dificuldade, no fundo, da desordem e do informe que precisa e requer uma organização, haja vista que estamos no plano ficcional. Passemos aos trechos finais:

O búfalo calmo. Lentamente a mulher meneava a cabeça, espantada com o ódio com que o búfalo, tranquilo de ódio, a olhava. Quase inocentada, meneando uma cabeça incrédula, a boca entreaberta. Inocente, curiosa, entrando cada vez mais fundo dentro daqueles olhos que sem pressa a fitavam, ingênua, num suspiro de sono, sem querer nem poder fugir, presa ao mútuo assassinato. Presa como se sua mão se tivesse grudado para sempre ao punhal que ela mesma cravara. Presa, enquanto escorregava enfeitiçada ao longo das grades. Em tão lenta vertigem que antes do corpo baquear macio a mulher viu o céu e um búfalo. (LISPECTOR, 2009, p. 135).

Pelo sono, sem querermos problematizar uma questão pelas vias da Psicanálise, embora a consideremos possível, a mulher avança em sua experiência de contato com o ódio, como um feitiço que a fez “grudar” no olho do animal. A partir dali, era só céu e búfalo, vertigem que movimenta e joga o corpo num sono que imobiliza, para enfim, ser presa no fundo “daqueles olhos”. Por fim, por toda a complexidade que significa aquela ida ao Jardim Zoológico, pela recusa ao bicho manso e domesticado, espécie de alargamento dos homens, em primavera, assim como pela constante procura do verdadeiro ódio, ódio de fera que tem o coração no estômago, o conto “O búfalo” participa de uma literatura que ficcionaliza o selvagem e, com ele, inaugura a consciência e o pensamento. Sob um novo olhar, mobiliza-se todo um mundo.

Considerações finais

O conto “O búfalo”, última narrativa do livro *Laços de Família*, publicado pela primeira vez em 1960, participa e comunga de um projeto ficcional de uma escritora que inseriu o selvagem em sua obra como problematização do pensamento. Na esteira dos argumentos do crítico Evando Nascimento, desenvolvemos uma interpretação do conto, ressaltando as marcas do selvagem como viés da capacidade reflexiva, imersa no conjunto da ficção clariceana.

Em síntese, elaboramos esse caráter pensante como perspectiva que se coaduna com a relação entre a personagem e a fera. No conto, vislumbramos uma abordagem do que consideramos o chamado, apelo ou vocação, em dois planos: o primeiro diz respeito à recusa ao domesticado, característica presente em boa parte dos bichos do Jardim Zoológico, o segundo, o aceite do bruto e da fera, concretizado no búfalo. Assim, nossa intenção foi desenvolver uma interpretação que considere o plano do pensamento em um enredo marcado pela atração e busca em relação à fera. Neste intento, trouxemos a noção de *devir*, formulada por Deleuze, para instaurar o problema da ferocidade animal no humano. Trata-se da oportunidade de pensarmos o estranhamento, o mal-estar, em resumo, a ficcionalização do selvagem, devolvida em consciência à mulher, imersa que é no olhar do bicho.

Referências

- BATAILLE, Georges. *Documents*. Trad. João Camilo Penna e Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018. 272 p.
- DERRIDA, Jacques. *O animal que logo sou*. Trad. Fábio Landa. São Paulo: Ed. UNESP, 2002. 92 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980. 641 p.
- LISPECTOR, Clarice. *A maçã no escuro*. São Paulo: Círculo do livro, 1985. 300 p.
- _____. O búfalo. In: *Laços de Família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 126-135.
- _____. *Um sopro de vida*. São Paulo: Círculo do Livro, 1983. 183 p.
- NASCIMENTO, Evando. *Clarice Lispector: uma literatura pensante*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012. 303 p.
- _____. *Derrida e a Literatura: “Notas” de Literatura e Filosofia nos textos da desconstrução*. Niterói: EdUFF, 1999. 363 p.
- _____. Clarice Lispector: les animaux, les choses, la pensée. BESSE, Marie Graciete; SETTI, Nadia (Org). *Clarice Lispector: une pensée en écriture pour notre temps*. Paris: L’Harmattan, 2013, p. 99-117.
- _____. *Derrida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2004. 79 p.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A gaia ciência*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. 362 p.
- NUNES, Benedito. *O dorso do tigre*. São Paulo: Ed. 34, 2009. 288 p.
- SÁ, Olga de. *Clarice Lispector: a travessia do oposto*. 3.ed. São Paulo: Annablume, 2004. 272 p.
- SOSA, Carlos Mendes de. *Clarice Lispector. Figuras da Escrita*. Braga: Universidade do Minho/Centro de Estudos Humanísticos, 2000.